



UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCISCA IANDRA NASCIMENTO

**AS CONTRIBUIÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA
ANTIRRACISTA DE PROFESSORAS E PROFESSORES: UM ENSAIO PRETAGÓGICO NO
CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC**

FORTALEZA

2023

FRANCISCA IANDRA NASCIMENTO

AS CONTRIBUIÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA
ANTIRRACISTA DE PROFESSORAS E PROFESSORES: UM ENSAIO PRETAGÓGICO
NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduado em
Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N195c

Nascimento, Francisca Iandra.

AS CONTRIBUIÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA
ANTIRRACISTA DE PROFESSORAS E PROFESSORES : UM ENSAIO PRETAGÓGICO NO
CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC / Francisca Iandra Nascimento. – 2024.

48 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de
Educação, Curso de Pedagogia
Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit.

1. Pretagogia. 2. Educação Afroreferenciada. 3. Mulheres Negras. I. Título.

CDD 370

FRANCISCA IANDRA NASCIMENTO

AS CONTRIBUIÇÕES DE MULHERES NEGRAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA
ANTIRRACISTA DE PROFESSORAS E PROFESSORES: UM ENSAIO PRETAGÓGICO NO
CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduado em
Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra Haydée Petit (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Claudiana Maria Nogueira de Melo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria José Albuquerque da Silva
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha avó, à minha mãe e a todas que
vieram antes de mim.

AGRADECIMENTOS

À minha avó, que ergueu as bases para que eu pudesse fortalecer minha identidade afro e realizar este trabalho.

À minha mãe, que me deu apoio físico, emocional e financeiro para concluir este trabalho.

À Profa. Dra. Sandra Haydée Petit, pela excelente orientação.

Às professoras participantes da banca examinadora Claudiana Maria Nogueira de Melo e Maria José Albuquerque da Silva, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

As professoras e professores que participaram das oficinas, pelo tempo concedido.

Às minhas colegas da turma de Ensino de História e Geografia, Yasmim, Cibele e Fabiana, pela paciência na realização das atividades, enquanto conciliava com este trabalho.

Ao Prof. Dr. Luís Távora, por me liberar de suas aulas para realizar as oficinas.

À minha amiga Gabriela, que esteve presente nas oficinas.

Ao meu amigo Daniel, que me ajudou muito na organização da segunda oficina.

Ao Rafael Pereira, pretagogo que estava comigo durante a realização da segunda oficina.

Ao Wilker, que me ajudou a montar minha árvore de afrossaberes.

Ao Thiago Galvino, que realizou a transcrição dos áudios das oficinas.

Ao Lucas, que ouviu todas as minhas queixas de cansaço e medo.

A todos os meus amigos que enviaram mensagem de incentivo e encorajamento durante meus momentos de insegurança.

“A gente combinamos de não morrer.”
(EVARISTO, 2016, p. 68).

RESUMO

A pesquisa aqui apresentada pretende mostrar caminhos concretos para a implementação do Parecer CNE/CP/003/2004 que regulamenta a Lei 10.639/03. Partindo da questão norteadora: Como as mulheres negras podem contribuir para a formação docente antirracista? O objetivo da pesquisa é intensificar o papel das mulheres negras na prática docente antirracista. As referências partem das mulheres negras que discorrem sobre o feminismo negro, a educação antirracista e a formação de professores. A Pretagogia me serviu de embasamento teórico-metodológico, construindo diálogos entre a prática docente e o resgate de memória dos envolvidos. Nos relatos de vida colhidos nos momentos pretagógicos, busquei identificar a relação dos participantes com as mulheres negras próximas, suas familiares, e as mulheres que são conhecidas histórica ou culturalmente. A análise de dados baseou-se na descrição dos relatos. Assim, foi possível perceber os caminhos percorridos e as possibilidades de uma educação afroreferenciada levando em conta a relação das professoras e professores com as mulheres negras.

Palavras-chave: Pretagogia; Educação Afroreferenciada; Mulheres Negras.

ABSTRACT

The research presented here aims to show concrete ways of implementing CNE/CP/003/2004, which regulates Law 10.639/03. Starting with the guiding question: How can black women contribute to anti-racist teacher training? The aim of the research is to intensify the role of black women in anti-racist teaching practice. The references come from black women who discuss black feminism, anti-racist education and teacher training. Pretagogy served as a theoretical-methodological foundation, building dialogues between teaching practice and the recovery of the memories of those involved. In the life stories collected during the pretagogical moments, I tried to identify the participants' relationships with close black women, their family members and women they knew historically or culturally. Data analysis was based on describing the stories. In this way, it was possible to see the paths taken and the possibilities for an Afro-referenced education, taking into account the relationship between teachers and black women.

Keywords: Pretagogy; Afroreferenced Education; Black Women..

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Maria Angelino	16
Figura 2 – Reunião do Projeto Dandara.....	18
Figura 3 – Iandra	19
Figura 4 – Minha Música, Meu Pertencimento.....	27
Figura 5 – Oficina Abayomi.....	27
Figura 6 – Estações de Aprendizagem.....	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Plano da Oficina Nha Fala Mulher Negra.....	26
Tabela 2 – Oficina Nha Fala Mulher Negra	28
Tabela 3 – Avaliação Oficina Nha Fala Mulher Negra.....	33
Tabela 4 – Plano da Oficina Conexões Afro Mulheris.....	34
Tabela 5 – Consigna e Conceito Operatório da Pretagogia.....	36
Tabela 6 – Oficina Conexões Afro Mulheris.....	36
Tabela 7 – Avaliação Oficina Conexões Afro Mulheris.....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	MEUS ENRAIZAMENTOS	14
3	MULHERES NEGRAS SOBRE MULHERES NEGRAS.....	18
3.1	Feminismo hegemônico não é para todas.....	18
3.2	Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.....	20
3.3	Lei 10.639/03.....	21
3.4	O pertencimento como fator essencial para a implementação da Lei 10.639/03.....	21
4	OFICINAS PRETAGÓGICAS.....	23
4.1	Caminhos metodológicos pretagógicos.....	23
4.2	A escolha do público a ser estudado.....	23
4.3	Nha Fala Mulher Negra.....	24
<i>4.3.1</i>	<i>O que foi planejado.....</i>	<i>24</i>
<i>4.3.2</i>	<i>O que aconteceu.....</i>	<i>24</i>
<i>4.3.3</i>	<i>Dados obtidos.....</i>	<i>27</i>
<i>4.3.4</i>	<i>Análise dos dados obtidos.....</i>	<i>33</i>
<i>4.3.4.1</i>	<i>Memória Associada.....</i>	<i>33</i>
<i>4.3.4.2</i>	<i>Representação/ Sentimento.....</i>	<i>34</i>
4.4	Conexões Afro Mulheris.....	35
<i>4.4.1</i>	<i>O que foi planejado.....</i>	<i>35</i>
<i>4.4.2</i>	<i>O que aconteceu.....</i>	<i>36</i>
<i>4.4.3</i>	<i>Dados obtidos.....</i>	<i>37</i>
<i>4.4.4</i>	<i>Análise dos dados obtidos.....</i>	<i>40</i>
<i>4.4.4.1</i>	<i>Atividade Proposta.....</i>	<i>40</i>
<i>4.4.4.2</i>	<i>Avaliação das Oficinas.....</i>	<i>41</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	43
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO	44
	ANEXO B – LEI Nº17.496, 25.05.2021 (D.O. 26.05.21)	46

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do desejo de evidenciar mulheres negras que são ou podem ser usadas como referência dentro da formação de professores do curso de graduação em pedagogia da Universidade Federal do Ceará.

A pesquisa foi intitulada "As contribuições de mulheres negras na prática pedagógica anti-racista de professores e professoras e professores: um ensaio pedagógico no curso de Pedagogia da UFC. O objetivo geral do estudo é Descobrir, através da abordagem da Pretagogia, como o conhecimento sobre as mulheres negras pode contribuir para a prática pedagógica antirracista de professores e professoras. Para atingir tal objetivo, utilizamos como procedimento de pesquisa a realização de duas oficinas pretagógicas na Faced UFC.

A Pretagogia foi desenvolvida pelo Núcleo das Africanidades Cearenses, NACE, coordenado pela professora Sandra Petit, entre os anos de 2009 e 2011, em quilombos das serras dos Inhamuns, durante o I Curso de Especialização para Formação de Professores Quilombolas. As práticas pretagógicas se inspiram nos conceitos de tradição e literatura oral africanas. Assim, percebe-se uma preocupação com a desvalorização dessas formas de saberes e suas consequências para a implementação da lei 10.639/03.

Nesse sentido, a Pretagogia surge como alternativa para a inserção da tradição e literatura oral, os saberes que são repassados dentro das famílias, práticas religiosas, comunidades, práticas artísticas, etc., nos ambientes educacionais formais, que, segundo Petit (2015) ainda não são ensinados “por motivos históricos de desvalorização do ser negro/a”. Em Petit (2015), vemos que os princípios da Pretagogia são: autorreconhecer-se afrodescendente, a apropriação da ancestralidade, a religiosidade de matriz africana, o reconhecimento da sacralidade, o corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes, a tradição oral valorizando o conhecimento que é repassado ao longo do tempo, o princípio da circularidade e a relação entre os seres, a noção de território como espaço-tempo e a compreensão do lugar social historicamente atribuído ao negro.

Ainda dentro dos conceitos que norteiam a aplicação da Pretagogia, temos os Conceitos Operatórios e eles são: Ancestralidade/Processos iniciáticos, Pertencimento, Espiritualidade e Transversalidade. Nesse sentido, a escolha da Pretagogia como referencial teórico-metodológico se justifica pela necessidade de levar em conta os elementos e as expressões afrodescendentes (PETIT, 2015), considerando o modo de ser e estar no mundo, na formação docente afroreferenciada para a implementação da Lei 10.639/03.

O estudo ensaístico que aqui apresento foi conduzido pela seguinte questão norteadora: Como o conhecimento sobre as mulheres negras pode contribuir para a prática

pedagógica antirracista de professoras e professores? A seguir, apresento as partes da pesquisa. O trabalho está dividido em cinco partes, e elas são: introdução, meus enraizamentos, mulheres negras sobre mulheres negras, oficinas pedagógicas e conclusão. O referido estudo está inserido no parecer CNE/CP/003/2004 que regulamenta a lei 10.639 de 2003.

No capítulo primeiro, intitulado Meus Enraizamentos, partindo do princípio pretagógico “autorreconhecer-se afrodescendente”, conto a história das minhas raízes, começando pela minha avó, Maria Angelino e chegando até meu primeiro contato com a Pretagogia.

O segundo capítulo, Mulheres Negras Sobre Mulheres Negras, elenca discussões acerca do feminismo negro. Começo falando sobre a necessidade de repensar o papel do feminismo hegemônico. Em seguida, discorro sobre o surgimento do movimento, bem como, o papel de Petronilha Beatriz, concluindo com o seu legado, o parecer que regulamenta a Lei 10.639/03.

No terceiro capítulo, apresento a pesquisa de campo realizada através da abordagem da Pretagogia com um grupo de egressos do curso de Pedagogia da UFC. De início apresento os caminhos metodológicos que nortearam o fazer pretagógico, destacando seus princípios e conceitos operatórios. Em seguida, analiso as experiências vivenciadas durante as oficinas pretagógicas realizadas com o grupo de pesquisa.

2 MEUS ENRAIZAMENTOS

Minha forte ligação com as mulheres negras começa bem antes do meu nascimento. Começa lá atrás com minhas ancestrais. Com as avós da minha avó, as bisavós da minha bisavó. Ser afrodescendente é entender que o sentimento de pertencimento só surge quando nos conectamos aos nossos ancestrais. No meu caso, às mulheres da minha família. E este capítulo dedico a todas elas.

Começando por vovó, Maria Angelino, a mãe que cuidou dos seus e dos outros. A mulher que, apesar de casada sob os preceitos da instituição da família tradicional, sempre teve a mente aberta para a vida.

Figura 1: Maria Angelino



Fonte: da autora

Se apaixonou muito jovem por um rapaz, de quem nunca ouvi falar o nome, e falava abertamente sobre isso de uma forma que era possível sentir o pesar por não ter vivido seu amor. Soubemos pouquíssimo sobre esse amor do passado de minha avó, apenas que dele nasceu meu tio mais velho, João Bosco.

Esse filho mais velho da minha avó foi dado para adoção após o nascimento, pois a família exigia que Maria casasse, contra sua vontade, com Geraldo Magela, meu avô. E assim aconteceu, João Bosco foi adotado e vovó se casou com vovô. Pouco tempo depois, nasce a segunda filha de Maria, que ganhou o nome de Helena. Após Helena, vieram José Antônio, Maria Angelino (mesmo nome da mãe), Liduina, Mardônio, Pelta, os gêmeos, Emanuel e Damiana, Francisco, Paulo, Maria e Luís.

Todos tiveram que começar a trabalhar na agricultura desde muito cedo, mas as mulheres tiveram um grande destaque pela coragem e persistência. Todas as filhas acreditaram no amor e foram abandonadas com seus filhos e, por serem vítimas do machismo, ficaram com o estigma de puta¹. Após o nascimento dos filhos, e com as cobranças da família patriarcal, foram obrigadas a serem fortes, corajosas e destemidas pelos seus filhos.

A década de 90 foi o período em que minha avó mais ganhou netos. De 1996, eu sou a mais velha, tendo nascido em 30 de janeiro.

Nasci em Bela Cruz, minha mãe disse que o parto foi muito demorado, cheio de angústia, ansiedade e medo e, para acalmá-la, a esposa do meu tio fez uma promessa para São Francisco que me daria o nome de Francisca se o parto acontecesse de forma tranquila. E assim, recebi o nome de Francisca Iandra Nascimento. Pelta, então, foi realizar trabalho doméstico e me deixou com a minha avó. No início, ficou trabalhando em Bela Cruz, mas, depois de alguns anos, mudou-se para Fortaleza, a fim de melhores condições de trabalho. Por conta do analfabetismo, só conseguiu emprego nesta área e mandava dinheiro todo mês para as minhas despesas na casa da minha avó.

Durante minha infância, tive o privilégio de conviver com a minha avó, enquanto minha mãe trabalhava em Fortaleza, e foi quando tive os contatos com minha ancestralidade. Minha avó ensinava seus costumes religiosos, medicinais e alimentares. Aos treze anos, passei a morar com a minha mãe na mesma casa em que ela trabalhava. Concluí o ensino médio em uma escola privada financiada pelas pessoas da casa em que morávamos.

Em 2012, quando estava cursando o terceiro ano do ensino médio, fui aprovada na Universidade Estadual do Ceará, no curso de Química. E para lá fui, com apenas dezesseis anos, para um mundo completamente novo e cheio de possibilidades, tinha o sonho de ser pesquisadora e fazer doutorado muito jovem, mas os desafios foram imensos e, em 2015, resolvi deixar o curso de Química e tentar encontrar a profissão que eu desejava exercer.

No final de 2016, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM, e consegui aprovação no curso de Processos Químicos, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, IFCE. Desta vez, percebi que Química, realmente, não era o caminho para o meu futuro.

Após a saída do IFCE, entrei no curso de Pedagogia da UFC e ingressei no meu percurso pela educação. Inicialmente, me interessei pelas tecnologias educacionais, mas, após um período de luto pela perda dos meus avós, que faleceram em 2018, minha avó em agosto e meu avô em dezembro, senti a necessidade de me reencontrar como pessoa e como profissional. Foi quando conheci o Projeto Dandara.

Figura 2: Reunião do Projeto Dandara



Fonte: Instagram

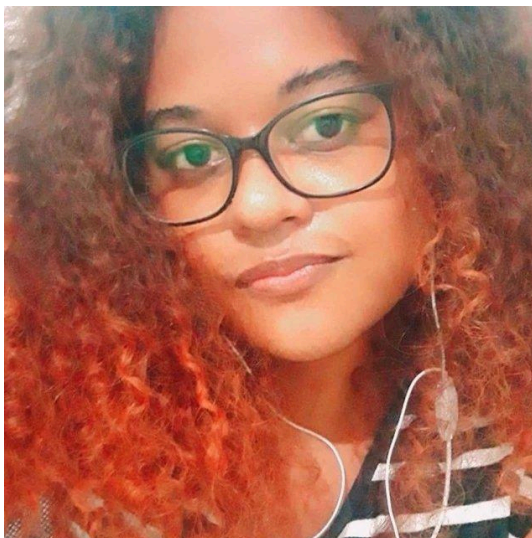
Um projeto de contação de histórias antirracistas embrionário da Faculdade de Educação da UFC me colocava diante das mulheres que vieram antes e que foram importantes para as conquistas que temos hoje. O projeto era formado, exclusivamente, por mulheres e fazia estudos periódicos de autoras negras, sempre trabalhando na perspectiva da educação antirracista.

Foi no Projeto Dandara que aprendi a importância da ancestralidade na construção da minha identidade de mulher negra. Lendo autoras negras e sendo mulher negra com o desejo íntimo de me tornar pesquisadora, decidi escrever sobre mulheres negras na formação docente.

Após tomar a decisão da temática a ser estudada, fui atrás de orientação e tinha o desejo de ser orientada pela professora Sandra Haydée Petit. Foi nesse contato que conheci a Pretagogia, o referencial teórico-metodológico criado Núcleo das Africanidades Cearenses, NACE, coordenado pela Professora Sandra Petit.

Enquanto estudiosa e formanda em educação, minha preocupação com as referências, intelectuais e não intelectuais, que moldam o meu fazer pedagógico potencializou-se a partir da entrada no Projeto Dandara.

Figura 3: Iandra



Fonte: da autora

A Pedagogia com base ocidental foi o que modelou minha formação até o quarto período da graduação. A partir de então, com um olhar mais crítico para as tendências eurocêntricas e com um ideal de autoafirmação engatinhando, passei a questionar a ausência das autoras negras dentro do curso em questão.

Grandes nomes, como Angela Davis, são sequer citados na bibliografia complementar das disciplinas. Quando são, ficam restritos às componentes de Africanidades e Cosmovisão Africana. Desde então, assumi o compromisso de falar dessas mulheres que, rompendo com o destino predefinido pela sociedade, escreveram suas próprias histórias.

3 MULHERES NEGRAS SOBRE MULHERES NEGRAS

Este capítulo aborda os pensamentos das autoras negras que serviram de base para este estudo e está dividido em três subtópicos. O primeiro, intitulado “Feminismo hegemônico não é para todos”, trata das diferenças de objetivos e as diferentes opressões que afetam mulheres brancas e negras. O segundo, “Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva”, discorre sobre o papel de Petronilha na construção de um Parecer capaz de assegurar a obrigatoriedade da Educação afroreferenciada. Por fim, “O pertencimento como fator essencial para a implementação da Lei 10.639/03” apresenta a importância do pertencer para a construção de um ensino afrocentrado eficaz.

3.1 Feminismo hegemônico não é para todas

Durante muito tempo, o mito da fragilidade era usado, e aceito, como argumento para a superproteção patriarcal. As mulheres ficavam em casa, eram silenciadas, suas únicas obrigações eram com a maternidade e o casamento, assumindo o papel de dona de casa, após a saída da casa dos pais.

Com a chegada da teoria feminista, começaram a se perceber num local de discriminação e exploração e passaram a lutar pela identidade feminina a fim de garantir dignidade e uma cidadania plena, adquirindo seus direitos enquanto pessoas e não mais sombras da figura masculina. Perceba, desde já, que elas tinham a necessidade de romper com os padrões de relação entre homens e mulheres, ou seja, o sexismo.

Em Muraro (1983, p. 14) *apud* Gonzalez (1984, p.4):

A primeira metade da década foi o auge do ‘milagre brasileiro’. (...) A força de trabalho feminina dobra de 1970 para 1976. Mais interessante ainda: em 1969 havia cem mil mulheres na universidade para duzentos mil homens. Em 1975 este número tinha subido para cerca de quinhentas mil mulheres (para quinhentos e oito mil homens), passando a proporção de 1:2, em 69, para 1:1 em 75. O número de mulheres na universidade havia quintuplicado em cinco anos! Vemos aí como se conjugam, então, os fatores econômicos reforçando os comportamentais e vice-versa. Isto pode explicar, ao menos em partes, em que nestes primeiros cinco anos da década, mesmo sem haver movimento organizado, tenha surgido interesse tão agudo para o problema da mulher. Foi nesses cinco anos, mesmo, que se processou a maior transformação da condição da mulher na história de nosso País (Grifo da autora).

Entretanto, apesar de ser importante levar em consideração todas as formas de discriminação para garantir a dignidade plena, o sexismo é apenas um dos problemas enfrentados pelas mulheres negras. Antes de falar de machismo, precisamos levar em conta os efeitos do racismo e do capitalismo na vida destas mulheres.

Essa diferenciação fica bem evidente quando paramos para observar a atuação da mulher negra no mercado de trabalho, esta atuação marcada por grande índice de desvalorização e dignidade mínima.

O discurso de Sojourner Truth de 1851, denominado “E eu não sou uma mulher?” e proferido na Convenção dos Direitos da mulher, destaca as diferenças entre mulheres brancas e negras:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também agüentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, apud, RIBEIRO, 2016, p. 100).

Enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito de ir à rua trabalhar e ocupar cargos além dos manuais, as mulheres negras queriam condições dignas de trabalho, possibilidade de estudar, ficar em casa cuidando de seus filhos. A mulher negra não teve tempo para ser frágil ou para ser protegida pela figura masculina.

Para Carneiro (1993), as mulheres negras, que nunca foram tratadas como frágeis, tendo que trabalhar desde cedo como escravas, vendedoras, prostitutas, etc., “não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar” (CARNEIRO, 1993, p. 11).

De acordo com Gonzalez (1984, p. 4), “As trabalhadoras negras encontram-se alocadas em ocupações manuais rurais (da agropecuária e da extrativa vegetal) e urbanas (prestação de serviços), tanto como assalariadas quanto como autônomas e não remuneradas.”

Essas mulheres tiveram que começar a trabalhar desde muito cedo, muitas entre oito e nove anos. Estudar, ficar em casa cuidando de seus filhos, etc., estava fora de suas realidades. Antes do sexismo, elas precisavam lidar com os problemas de raça e classe que predefiniam seus destinos.

Para Hooks (2015, p. 195), “as mulheres brancas que dominam o discurso feminista atual raramente questionam se sua perspectiva sobre a realidade da mulher se aplica às experiências de vida das mulheres como coletivo.”

E nesse ponto, relembremos a história da mulher negra repleta de opressão. Mulheres essas que tinham identidade de objeto, antes serviam as sinhazinhas (frágeis) e senhores de

engenho tarados (CARNEIRO, 1993), agora ocupam-se de empregadas domésticas cuidando das mesmas mulheres feministas privilegiadas e de seus filhos.

Essa história da mulher negra teve pouca mudança ao longo dos anos, até séculos, e isso nos leva à 1988. Foi no Centenário da Abolição da Escravatura que aconteceu, em Valença, no estado do Rio de Janeiro, o I Encontro Nacional de Mulheres Negras, de 2 a 4 de dezembro. É importante perceber que este encontro se deu após ampla mobilização em vários estados do país.

Assistimos em 1988 a uma ampla mobilização de mulheres negras em torno de suas questões específicas consubstanciadas nos diversos Encontros Estaduais de Mulheres Negras, realizados em estados como: Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santos, Goiás, Maranhão, Paraná, Rio de Janeiro e Distrito Federal, sendo que onde não foi possível a realização de encontros estaduais ocorreram outras iniciativas sobre a questão da mulher negra na forma de debates, seminários, jornadas etc., como foi o caso do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Sergipe, Pará, Paraíba, Alagoas e Amazonas. (CARNEIRO, 1993, p. 13).

Para essas mulheres, esse era o momento ideal para expressarem sua crescente mobilização. O Movimento de Mulheres Negras nasce da necessidade de “demarcar uma identidade política em relação a esses dois movimentos sociais de cujas temáticas e propostas gerais também partilha e que, em última instância, determinam a sua existência e ambiguidades” (CARNEIRO, 1993, p. 14).

Essa afirmação, e unificação enquanto grupo subalterno, foi essencial não só para a política, mas cultural, social, religioso, etc. Uma vez que tudo isso foi negado à população negra, principalmente, às mulheres.

Carneiro (1993, p. 11) afirma: “Fazemos parte de um contingente de mulheres originárias de uma cultura que não tem Adão. Originária de uma cultura violada, folclorizada e marginalizada, tratada como coisa primitiva, coisa do diabo, este também um alienígena para a nossa cultura.”

Assim, é preciso entender que esse povo negro, antes de ser escravizado, teve história, família, sentimentos, organização política, cultura, religião, etc. Então, a partir do momento que surge uma corrente de pensamento, como o feminismo, que não leva em conta a história das pessoas, deixa de lado um contingente de mulheres que não se encaixam nas demandas desse movimento. E, pior que isso, é tentar encaixar essas mulheres para silenciá-las.

3.2 Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Petronilha é professora da Universidade Federal de São Carlos e em março de 2011 foi admitida, pela então Presidenta da República Dilma Rousseff, na Ordem Nacional do Mérito,

no Grau de Cavaleiro. Petronilha é Professora Titular da universidade em Ensino - Aprendizagem - Relações Étnico-Raciais. Entre os anos de 2002 e 2006, por indicação do movimento negro brasileiro, foi conselheira da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, sendo, neste período, relatora do Parecer CNE/CP 3/2004 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Também participou da relatoria do Parecer CNE/CP 3/2004 relativo às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Em 1996, fez Estágio de Pós-doutorado na Universidade da África do Sul. De 2007 a 2011, foi coordenadora do Grupo Gestor do Programa de Ações Afirmativas da Universidade Federal de São Carlos. Em 2011, recebeu das mãos da Ministra Luiza Helena Barros, o prêmio Educação para Igualdade, por ser a primeira mulher negra a ter assento no Conselho Nacional de Educação.

3.3 Lei 10.639/03

A Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 altera a Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. De acordo com a nova lei, torna-se obrigatório o ensino da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

Assim, a Lei determina que os estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, públicos e particulares, devem tornar obrigatório o ensino de História e Cultura afro-brasileira. E acrescenta que dentro desses estudos, as instituições de educação precisam incluir o estudo da história da África, dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira, o negro na formação da sociedade nacional, resgatando as contribuições do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil. Ainda fica claro que, os conteúdos ministrados referentes a essa temática devem ser incluídos nas áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira. Por fim, a Lei institui o dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra.

3.4 O pertencimento como fator essencial para a implementação da Lei 10.639/03

Uma das principais problemáticas envolvendo o ensino da cultura afro-brasileira e africana é a necessidade do pertencimento. Principalmente porque a cultura africana, indígena entre outras subalternas foram representadas por muito tempo como bárbaras e inferiores.

Assim, é necessário fortalecer a identidade afrodescendente a partir da recontação das histórias dos seus antepassados com o objetivo de fortalecer os conceitos de raça e etnia.

É preciso entender que a racialização das etnias dominantes é importante para romper com a naturalização de uma raça superior.

Além da democracia racial que contribuiu para camuflar o racismo no Brasil, a contação da história da população negra escravizada como escravo criou o estigma de ser selvagem sem sentimentos e passivo da ação do colonizador. Assim, o caminho para a construção do pertencimento dentro dos grupos afrodescendentes é a partir do conhecimento de suas histórias e da história dos seus ancestrais mostrando mostre as contribuições desses grupos étnicos.

Segundo Petronilha (2012), é preciso pensar a respeito da construção do currículo que não silencie a cultura e a diversidade afro-brasileira. E assim, é preciso levar em conta as manifestações artístico culturais bem como as religiosas da população Africana e afro-brasileira. Uma vez que, se tratando de uma sociedade de tradição oral é preciso encontrar caminhos para que estas sejam repassadas na educação formal. Segundo Petit (2015), um dos maiores percalços enfrentados pela implementação da lei 10.639 é a dificuldade que a educação, baseada na cultura eurocêntrica, encontra para transmissão da tradição e literatura oral africana na educação formal.

4 OFICINAS PRETAGÓGICAS

4.1 Caminhos metodológicos pretagógicos

A Pretagogia se baseia nas diferentes formas de produção e transmissão de saberes, a partir do entendimento da oralidade como linguagem transversal. Assim, utilizamos dispositivos que permitissem o uso do corpo, da voz e da escuta para transmissão desses saberes e resgate da memória. As/os professoras/os sujeitas/os desta pesquisa foram convidadas/os a experimentar expressões que envolvessem gestualidade, ritmo e trabalhos manuais. A utilização da música como “valorização da memória e dos feitos do/as nosso/as antepassado/as” (PETIT, 2015, p. 135) nos permitiu realizar um mergulho íntimo e proporcionou o sentir pertencimento.

No segundo momento, aplicamos o dispositivo pretagógico das estações de aprendizagem, criado para “tornar mais circular e transversal a apropriação dos conteúdo” (PETIT, 2015, p. 126). Nas estações de aprendizagem, os docentes são colocados diante de materiais que abordam os conteúdos a serem estudados, ancorados na tradição oral, depois, transformam esses materiais em produtos didáticos e, por fim, apresentam as produções, de modo criativo e transversal, ao grupo.

A quantidade de pessoas, o perfil deste público e os conteúdos a serem abordados determinam o número de estações e os materiais que serão dispostos, sempre fazendo uso de materiais textuais e instrumentos simbólicos.

4.2 A escolha do público a ser estudado

O grupo foi escolhido pensando, principalmente, na atuação dentro da educação básica, assim, escolhemos o grupo que tinha como ideal uma educação antirracista e que, por ser recém ingresso na Educação básica da prefeitura de Fortaleza, apresenta possibilidades de colocar em prática o que vem sendo estudado nesta pesquisa.

O grupo em questão é composto por professores da rede municipal de Educação e recém egressos do curso de pedagogia da UFC. O antirracismo está sempre em pauta dentro das discussões trabalhadas, no entanto, a apresentação da Pretagogia como referencial metodológico veio com o objetivo de oferecer subsídios concretos para a aplicação do afrorreferenciamento na educação básica.

4.3 Nha Fala Mulher Negra

O primeiro encontro com o grupo, no dia 13 de junho de 2023, recebeu o nome de Nha Fala Mulher Negra, inspirado no filme Nha Fala (2002) - A Minha Fala em Crioulo - de Flora Gomes. No filme, Vita, uma jovem guineense é proibida de usar sua voz por um interdito cultural. Depois de um tempo, e após sair do cenário de silenciamento, a jovem descobre a potência de sua voz.

Nessa perspectiva, Nha Fala Mulher Negra surge com a proposta de mostrar a potência de vozes femininas negras correlacionando com a formação e prática docente na educação básica.

4.3.1 O que foi planejado

A tabela a seguir apresenta o planejamento da atividade pretagógica.

Tabela 1: Plano da Oficina Nha Fala Mulher Negra

Nha Fala Mulher Negra		
Horário	Atividade	Recursos
19:00	Minha Música, Meu Pertencimento: Escolher uma música com significado para você enquanto afrodescendente. Dançar e comentar sobre o papel da música para o pertencer.	Data show, caixa de som, notebook
20:00	Oficina de Abayomi: produção da boneca com os retalhos, lembrar de levar tesoura, retalhos cortados, terminar de cortar a malha preta, deixar os retalhos coloridos cortados	Malha preta, tecido colorido, tesouras
20:45	Nha Fala: Após a produção da boneca, falar sobre uma pessoa negra que fez parte da sua vida, conviveu. Uma mulher que marcou sua história, de preferência, que tem uma proximidade e que serviu de inspiração para a construção da boneca.	

Fonte: da autora

4.3.2 O que aconteceu

Iniciamos a oficina com uma roda para a apreciação do momento “Minha Música, Meu Pertencimento”. Este momento é um importante instrumento de percepção do pertencer e consiste na escolha de uma música com significado pessoal e de caráter afro. O ideal é que a escolha da música seja realizada por todos os participantes da oficina, mas, tendo em vista que

o tempo é um fator importante na realização das atividades, ficou difícil apreciar todas as músicas, visto que o grupo é composto de 20 membros. Então, eu e a Profa Sandra realizamos a escolha das nossas músicas e, para fins de demonstração, apresentamos ao grupo, seguida de uma explicação da relação da escolha com o nosso sentimento de pertencimento afro.

Figura 4: Minha Música, Meu Pertencimento



Fonte: da autora.

Escolhi a canção Afinal, da Alaíde Costa. Conheci Alaíde em 2022 e, quando ouvi pela primeira vez, me senti tocada pela voz marcante, ainda não sabia que se tratava de uma mulher negra. A história de Alaíde dentro da Bossa Nova e o seu apagamento diante da grandeza que foi sua travessia pelo movimento Bossanovista me tocou e me trouxe um sentimento de familiaridade, visto que, ao longo dos meus 27 anos, me encontrei algumas vezes com o silenciamento por ser mulher negra. Em 1963, Alaíde lançou o LP Afinal, o primeiro escrito exclusivamente por ela, no embrionário movimento Bossanovista.

Sandra escolheu Pata Pata, da Miriam Makeba. Para ela, Miriam Makeba foi muito importante nos anos 70 quando ela estourou no mundo inteiro com essa música. Foi algo inédito, uma música cantada em parte em língua africana da África do Sul e por uma cantora desse país que vivia um sistema de segregação racista, conseguir tal sucesso! Ficou dançando muito essa música nas festas familiares que para ela sempre foram muitas na infância e adolescência, pois sua mãe cubana era muito festeira e adorava música negra. Então, sempre cantava e dançava, principalmente em festas de casa e de amigos, mas também em apresentações que organizava com outras crianças e adolescentes. Essa música em particular tem o ritmo e um refrão muito envolvente e contagioso.

Dançavam nas festas sem saber muito de que se tratava, mas na parte que a Miriam canta em inglês ela anuncia que é um ritmo que dançavam muito em Johannesburgo na África do Sul, nos bairros negros, e ficavam até o raiar do sol toda sexta e sábado. Sandra Petit diz que se identifica totalmente com essa forma de comportamento dos coletivos negros que dançam, ela sempre dançou muito. O Pata Pata é um ritmo e festa que expressa a alegria de viver e a resistência negra que passa pelo corpo, pela alacridade (alegria séria, como diz o estudioso Muniz Sodré). Miriam Makeba teve que se exilar pela perseguição do regime e trabalhou durante muito tempo como embaixadora da boa vontade da ONU e foi ativista pelos direitos humanos, usando sempre a música, era compositora. Ela contribuiu desde fora para a derrubada do apartheid.

Apesar de não terem participado ativamente desse momento, os integrantes do grupo dançaram bastante e se sentiram envolvidos com a escolha das músicas. Destes, apenas um membro disse conhecer Alaíde Costa.

O segundo momento foi a produção das bonecas abayomi. Sentamos em círculo e começamos a fazer as bonecas. Foi proposto aos participantes da oficina a criação de uma boneca inspirada em uma mulher negra que tinha proximidade.

Figura 5: Oficina abayomi



Fonte: da autora

Durante a produção, conversamos bastante, tirando dúvidas sobre a produção em si e, também, contando um pouquinho sobre a criadora da boneca abayomi, Lena Martins.

Lena Martins é uma maranhense, de São Luiz, que cresceu numa família de artesãos. Nos anos 80, com o crescimento da afirmação da identidade negra e com o crescimento do movimento ecológico, Lena criou a boneca que não precisa de costura ou cola. Por muito tempo, e ainda hoje, uma lenda de que as bonecas abayomi foram criadas por mães escravizadas para seus filhos nos navios negreiros foi difundida. No entanto, além de ser *fake*

news, esta lenda transforma o significado da boneca de resistência para resiliência. Além de apagar a figura da Lena, que é símbolo de resistência no período de expansão do movimento identitário da negritude.

Durante a realização da oficina, pedi que os membros pensassem em uma mulher negra próxima e a usasse como inspiração para a produção da boneca. Então, assim se sucedeu e, por fim, os envolvidos relataram suas inspirações.

Após o momento *Nha Fala*, os membros foram convidados a escrever uma avaliação anônima, descrevendo os impactos da experiência.

4.3.3 Dados obtidos

Legenda:

Part: Participante

S: Sexo

Pers - Personagem (inspiração para a boneca Abayomi)

RP: Relação com a/o participante

MA - Memória Associada

RS - Representação/Sentimento

Tabela 2: Oficina *Nha Fala Mulher Negra*

Nha Fala Mulher Negra					
Part	S	Pers	RP	MA	RS
Camila	feminino	Alzira	avó	<p>“Porque nas histórias que meu pai conta, minha avó era uma mulher muito forte”</p> <p>“tinha que passar por cima da pessoa de quebranto, do filho, em sinal de cruz, no meio da casa.”</p>	<p>“E a gente teve muitos momentos significativos juntos, mesmo tendo tido pouco tempo.”</p>
Letícia	feminino	Juliana	melhor amiga	<p>“foi quem, possamos dizer, me introduziu no meu letramento racial”</p>	<p>“foi uma das pessoas, das mulheres negras, das pouquíssimas que eu tenho no meu círculo de amizade”</p>

Alessandra	feminino	Rebeca Meijer	orientadora	“o meu interesse pela temática ele vem bem antes, né, acho que já desde a minha infância”	“ela veio me fortalecendo a cada dia, como professora, como pesquisadora, né. Então, assim, ela é uma referência pra mim. Ela tem uma história de vida muito parecida com a minha.”
Eduarda	feminino	Alzenir	avó	<p>“Uma mulher forte, que veio do interior, que casou cedo, que teve doze filhos, e que passa pelo luto de dez. Dos doze que ela teve, as doze gestações de crianças que nasceram, ela só teve, sobrevivente, a minha mãe, que é a mais velha, e a minha tia, que é a mais nova. É... Sempre morou ao lado da casa da minha mãe. Então, assim, quando tinha alguma coisa em casa, corria lá pro lado da casa da minha avó. É... durante toda a minha infância e adolescência eu fui muito noveleira porque eu tinha o hábito, costume, de chegar da escola, deitar debaixo da rede dela e assistir televisão, assistir novela”</p>	<p>“ Tanto que tem novelas antigas que quando eu escuto a música de abertura, pra mim é uma lembrança muito forte.”</p>

Vanessa	feminino	Conceição	prima da avó	“ela cozinhava muito bem, assim. Eu tenho uma lembrança dela na cozinha, e ela me ensinou vários truques”	“E a minha lembrança dela... quando você falou eu lembrei dela, assim. Eu poderia ter lembrado da minha avó, de outra pessoa, mas foi ela que eu lembrei.”
Carlos	masculino	(não identificado)	tia-avó, segunda mãe e madrinha de batismo	“ eu sentia que ela tinha vergonha da cor dela, que era negra”	“essa boneca eu fiz como forma de que ela sentisse de que ela era uma pessoa bonita”
Elisa	feminino	(não identificado)	irmã/mãe	“na minha infância, ela perdeu parte da infância dela pra se responsabilizar por nós, pelos mais novos”	“Eu vejo ela como uma mulher muito forte, muito guerreira”
Paulo	masculino	Eduarda		“a primeira pessoa que me fez... a... fez... me fez pensar sobre essa questão da minha identidade negra, essas discussões, o... o... o meu pertencimento em si”	“sou muito grato a ela por isso”
Alexandre	masculino	(não identificado)	mãe	(não identificado)	(não identificado)
Caroline	feminino	(não identificado)	irmã do coração	“ela chega lá em casa, nessa família completamente desconhecida” “a gente cresceu assim, ela negando a própria cor, né. Ela dizia, assim, que não era negra. Ela	“o sentimento ruim, que eu sinto, assim. De grande dívida. Da própria família ter contribuído com essa situação terrível, né, feita com essas pessoas.

				<p>tinha raiva de pessoas negras. Ela dizia que era morena. Se dissesse que era negra, pra ela, assim, era um desaforo”</p> <p>“depois encontrou a família inteira, biológica, né”</p> <p>“hoje ela tem irmãos, conheceu o pai biológico, tem sobrinhos.”</p>	<p>Com famílias mais pobres.”</p> <p>“Assim, quando veio a ideia, né, de falar. De... de... de pensar... fazer a boneca, assim, ela veio muito forte, porque é uma pessoa muito querida, né, assim”.</p> <p>“Pra mim é um constrangimento, olhar pra história da minha família e ver, dentro de casa, essa situação”</p> <p>“é uma pessoa linda, muito querida, totalmente da família.”</p> <p>“É o meu primeiro espaço de fala sobre isso foi aqui. Na minha vida inteira. Assim, sempre foi muito solitária a isso tudo que eu fui</p>
--	--	--	--	---	--

					percebendo. E hoje é a primeira vez que eu falei sobre esse caso. Assim, para outras pessoas. Foi meio <i>punkzão</i> , mas, assim, eu senti muita necessidade também.”
Daniel	masculino	(não identificado)	mãe de uma amiga	<p>“ela me acolheu como se eu fosse um filho”</p> <p>“ela cresceu numa casa de família, junto com a mãe. A mãe trabalhava pra uma família aqui de Fortaleza”</p> <p>“A mãe da minha amiga tem uma admiração muito grande, “Não, eles me tratam como irmãos”, e eu percebo pela fala dela, que ela não entende, mas você nota que eles têm um sentimento de culpa, de dívida também, em relação a isso.”</p>	“É uma pessoa maravilhosa, uma pessoa incrível, mas que teve essa história de vida de perder a mãe em uma situação de trabalho.”
Cecília	feminino	(não identificado)	irmã retinta	<p>“E a minha irmã, ela tem a pele bem retinta. A minha irmã mais velha. E ainda hoje ela não consegue sair desse lugar. Ela tem a casa</p>	“Então eu acho que a pessoa se envergonha. Não foi ela, mas ela

				dela, tem os filhos dela. Mas, assim, ela adora servir.”	sente isso pela família dela.”
--	--	--	--	--	--------------------------------

Tabela 3: Avaliação Oficina Nha Fala Mulher Negra

Momento intenso, cheio de subjetividade, de resgate de memórias, de valorização às pessoas negras.
Achei o momento rico, divertido e emocionante! Fazer a boneca e lembrar da minha avó foi uma linda visita a minha história.
A oficina me permitiu um mergulho em minhas emoções e construções com sujeito mulher negra.
Gostei muito da oficina. Explorar a corporeidade, a música e as artes manuais é superar uma lógica tradicional e hierárquica dos saberes, onde devem ser separados e trabalhados um de cada vez. E o trabalho com a temática da negritude, da voz das mulheres negras nos ajuda a ampliar as nossas perspectivas e a se reinventar cotidianamente.
A Oficina foi bem interativa, acolhedora e foi fantástico teu contato com a identidade e a cultura da negritude.
A oficina foi bastante motivadora para nos aprofundarmos sobre o nosso pertencimento e nos trouxe memórias sobre referências negras.
Adorei ter esse contato com a cultura Negra! O que mais me surpreendeu foi uma negra criar uma boneca de retalhos.
Experiência rica em representatividade e significado. É importante que cada vez mais forneçamos mais visibilidade à cultura afro, por meio de experiências como essa. Parabéns aos envolvidos!
A experiência me fez perceber como artefatos da cultura afro possuem um valor distinto daqueles cujo ocidente tornou mercadoria/quinquilharia, pois o simbolismo ultrapassa a relação útil/valor ponto já a coisa não existe apenas para si ou em si mesmo como algo que assume função para alguém. Ou seja, artefatos afro carregam consigo uma história que ora é ancestralidade, ora representação pessoal que o objeto e o envolvimento representa e incorpora tradição, cultura e sujeitos.
Uma oficina muito enriquecedora gostei de ouvir as músicas que eu não conhecia. Gostei de fazer a boneca, apesar de ser difícil. A melhor parte foi ouvir os relatos das pessoas sobre suas inspirações.
Foi uma experiência muito boa enquanto mulher negra poder vivenciar a oficina. O aprendizado sobre a boneca e aprender sempre mais sobre a nossa cultura através de músicas e danças é gratificante.

Fonte: da autora

4.3.4 Análise dos dados obtidos

4.3.4.1 Memória Associada

Levando em conta os personagens escolhidos pelos participantes, percebi que suas características, suas relações com os membros do grupo, bem como a memória despertada, se relacionavam diretamente com as características étnico-raciais dos membros do grupo. As mulheres negras presentes no momento escolheram personagens com grau de parentesco como, por exemplo, a avó de Eduarda.

Eduarda é uma mulher negra que teve a figura da mulher negra sempre presente através de sua avó, sua mãe e sua tia. Além de contribuir com a construção da sua identidade afro, serviu de subsídio para sua prática antirracista. Eduarda diz que:

Eu tive a possibilidade de conviver com ela até 2018. Minha avó, pra mim, é a maior referência que eu tenho de tudo. Uma mulher forte, que veio do interior, que casou cedo, que teve doze filhos, e que passa pelo luto de dez. Dos doze que ela teve, das doze gestações de crianças que nasceram, ela só teve, sobrevivente, a minha mãe, que é a mais velha, e a minha tia, que é a mais nova. Sempre morou ao lado da casa da minha mãe. Então, assim, quando tinha alguma coisa em casa, corria lá pro lado da casa da minha avó.

Então, esse padrão de familiaridade e memória afetiva se repete entre os membros negros. Já no grupo de pessoas brancas, foi possível perceber que eles associaram a boneca à personagem com menor proximidade, como amigos, mãe de amiga, etc. Algumas mulheres brancas citaram familiares negros retintos como inspiração para abayomi.

Cecília fala de sua irmã retinta: “e a minha irmã, ela tem a pele bem retinta. A minha irmã mais velha. E ainda hoje ela não consegue sair desse lugar. Ela tem a casa dela, tem os filhos dela. Mas, assim, ela adora servir.”

No discurso das pessoas brancas, foi possível perceber um desconforto com as situações em que as pessoas negras eram submetidas do lugar que eles falavam. Caroline, ao falar de sua irmã de coração, repete algumas vezes seu constrangimento em relação à sua família. Caroline diz que:

Pra mim é um constrangimento, olhar pra história da minha família e ver, dentro de casa, essa situação [...]. É o meu primeiro espaço de fala sobre isso foi aqui. Na minha vida inteira. Assim, sempre foi muito solitária a isso tudo que eu fui percebendo. E hoje é a primeira vez que eu falei sobre esse caso. Assim, para outras pessoas. Foi meio *punkzão*, mas, assim, eu senti muita necessidade também.

Daniel, que também é uma pessoa branca, afirma descontentamento com a situação à qual a mãe de sua amiga foi submetida durante toda a vida. Ele diz:

“ela cresceu numa casa de família, junto com a mãe. A mãe trabalhava pra uma família aqui de Fortaleza [...]. A mãe da minha amiga tem uma admiração muito grande, “Não, eles me tratam como irmãos”, e eu percebo pela fala dela, que ela não entende, mas você nota que eles têm um sentimento de culpa, de dívida também, em relação a isso.”

Apenas uma das pessoas brancas na atividade não conseguiu realizar efetivamente o que foi proposto. Em um certo momento, falou sobre miscigenação ao citar sua mãe, em seguida, mudou o foco da discussão, não atingindo os objetivos propostos.

4.3.4.2 Representação/Sentimento

A partir dos relatos apresentados, consegui extrair os sentimentos ou representações que estes personagens causavam aos participantes. As mulheres negras que se inspiraram nas suas avós, expuseram afeto e familiaridade, bem como, uma relação de aprendizado e construção de suas identidades.

Camila, ao falar de sua avó Alzira, expressa a relação de maternagem. Ela conta: “e a gente teve muitos momentos significativos juntos, mesmo tendo tido pouco tempo”. Ou seja, mesmo convivendo pouco com essa avó, ou apenas ouvindo relatos de familiares, a figura feminina negra apresenta um grande significado e grande importância para seus afrodescendentes.

Eduarda cita a lembrança que tem da avó Alzenir: “Tanto que tem novelas antigas que quando eu escuto a música de abertura, pra mim, é uma lembrança muito forte.”

Caroline, mulher branca, fala bastante sobre seu sentimento de tristeza, vergonha e constrangimento por sua família, que levou uma criança de doze anos para realizar trabalhos domésticos em sua casa.

[...] o sentimento ruim, que eu sinto, assim, de grande dívida. Da própria família ter contribuído com essa situação terrível, feita com essas pessoas. Com famílias mais pobres [...]. Assim, quando veio a ideia de falar, de pensar... fazer a boneca, assim, ela veio muito forte, porque é uma pessoa muito querida, né, assim [...]. Pra mim é um constrangimento, olhar pra história da minha família e ver, dentro de casa, essa situação.

Daniel também demonstra descontentamento com a história da mãe de sua amiga. Para ele, ela “é uma pessoa maravilhosa, uma pessoa incrível, mas que teve essa história de vida de perder a mãe em uma situação de trabalho.”

4.4 Conexões Afro Mulheris

O segundo encontro foi denominado Conexões Afro Mulheris e pretendia trabalhar as mulheres negras conhecidas, ou não conhecidas, intelectuais, ou não intelectuais. A ideia era trabalhar as mulheres que poderiam ser conhecidas pelo grupo, ou não.

4.4.1 O que foi planejado

A tabela a seguir traz o planejamento da atividade pretagógica realizada no segundo encontro com o grupo de pesquisa.

Tabela 4: Plano da Oficina Conexões Afro Mulheris

Conexões Afro Mulheris 27/06		
Horário	Atividade	Recursos
19:00	Minha Música, Meu Pertencimento: Música Um corpo no Mundo, da Luedji Luna. Contar a história da Luedji e a ligação da música com a temática da Oficina (falar da minha relação com a música)	Data show, caixa de som, notebook, letra impressa
19:10	Apresentação da proposta da oficina e subdivisão de grupo (4 grupos).	
19:20	Vão ler os materiais da sua estação, refletir sobre o assunto e responder a consigna com a realização de um produto didático.	Biografias de mulheres negras com suas fotos
20:20	Apresentação dos produtos didáticos de cada grupo.	
21:00	Avaliação e despedida	

Fonte: da autora

4.4.2 O que aconteceu

A segunda oficina também trouxe a proposta da música como acolhida a fim de despertar o sentimento de pertencimento, através do momento Minha Música, Meu Pertencimento. Nesta oficina, a música deveria se relacionar com a proposta a ser trabalhada e com a minha vivência enquanto mulher negra. Escolhi a música Um corpo no mundo, da cantora baiana Luedji Luna. A música fala do corpo em travessia, corpo em diáspora. Um corpo que atravessou oceanos, experimentou ‘não lugares’ e hoje se reconstrói, se reafirma e reconta sua história através do sentimento de pertencer.

No segundo momento, os presentes foram divididos em três duplas e um trio dentro das estações de aprendizagem, dispositivo pretagógico. As estações apresentavam elementos materiais e textuais e um grupo de sete mulheres com suas respectivas biografias.

Figura 6: Estações de aprendizagem



Fonte: da autora

Esta escolha representa, além das mulheres negras que apresentarei nesta oficina, o meu caminhar. Enquanto estudante, filha, professora, etc, sinto uma necessidade constante de autoafirmação para não me tornar um corpo diaspórico. Após a leitura das biografias, as duplas precisavam elaborar um produto didático a partir de uma consigna.

Tabela 5: Consigna e Conceito Operatório da Pretagogia

Consigna
<p>Realize uma atividade pedagógica que junte o Conceito Operacional da Pretagogia Espiritualidade, enquanto comportamento coletivo herdado da ancestralidade, o conhecimento produzido na estação e uma arte (Teatro, Pintura, Corporeidade, Poesia). A atividade precisa estar inserida no conceito de transversalidade, unindo duas matérias das áreas do conhecimento (Matemática, Ciências, História, Geografia e Educação Física).</p> <p>A partir dessas inspirações, realizar um produto didático (algo que condensa e gera novos conhecimentos).</p>
<p>Conceito Operatório da Pretagogia Espiritualidade:</p> <p>Respeito (Honrar a si, às outras/aos outros, às energias, aos ensinamentos, Senhoridade, Senso de Responsabilidade/Compromisso - sobretudo perante a comunidade;</p> <p>Hospitalidade/ receptividade/ integração do outro e outra como renovação/ressignificação/valorização da integração/ intergeracionalidade/ afetividade/convivência/ proximidade.</p>

4.4.3 Dados obtidos

Legenda:**MNE:** Mulheres Negras da Estação**NE:** Nome da estação**Part:** Participante**S:** Sexo**AS:** Áreas do Saber**PE:** Público Estudante**Ativ:** Atividade**Met:** Metodologia**Obj:** Objetivo

Tabela 6: Oficina Conexões Afro Mulheris

Conexões Afro Mulheris						
NE: Eu, elas e nós						
MNE: Preta Tia Simoa Jaqueline Goes de Jesus Antonieta de Barros Jarid Arraes Ângela Davis Alaíde Costa Cécile Fatiman						
Part	S	AS	PE	Ativ	Met	Obj
Eduarda	Masculino	História Português	Fundamental	Exposição	“Trazer todas essas mulheres, sem mostrar a biografia. Mas essa leitura, as crianças apreciam a imagem, e fazem essa leitura de mundo. Identificando quem são elas? que histórias estão... que histórias estão por trás dessas mulheres.”	“Trabalhar essas leituras prévias e construir com eles um conhecimento mais profundo.”
Sabrina	Feminino			Jogo de Encaixe	“A gente vai falar quem era a escritora, qual é o nome, e atrelar à imagem daquela profissão, para que quando a criança consiga fazer o encaixe.”	“Concretizar com imagem e com a informação textual, com a nossa mediação, obviamente, qual a real construção dessas pessoas.”
Paulo	Feminino			Teatro do Oprimido	“De um modo geral, vamos mostrar às crianças quem é Angela Davis, a sua atuação	“Trazer para dentro da realidade, a partir da vivência concreta.”

					política. Então a gente traz um exemplo do cotidiano que se relaciona com a vivência dela, sobretudo política. E com um obstáculo e em como ela em si resolveria aquela situação.”	
--	--	--	--	--	--	--

NE: Conhecer-se

MNE: Enedina Alves Marques
Laudelina de Campos Melo
Zimá Ferreira
Maria Firmina dos Reis
Lélia González
Grada Kilomba
Paulina Chiziane

Daniel	Masculino	História Educação Física	Infantil	autorretrato	“Uma criança na frente do espelho, por exemplo, que tá se tocando, que tá se precisando, puxando o cabelo, perna, nas partes do corpo”	“autoconhecimento e compreensão do próprio corpo”
Camila	Feminino					

NE:

MNE: Maria Odília Teixeira
Sueli Carneiro
Elisa Maria Ferreira Veras da Silva
Bell Hooks
Conceição Evaristo
Oyèrónké Oyěwùmí
Sanité Bélair

Caroline	Feminino	Português	Fundamental	Poesia	“A gente pensou em passar as fotos e pedir que vocês observassem. E, a partir dos olhares, escrever como vocês sentem, em palavras, as expressões, os olhares... É mais das sensibilidades.” “A gente pensou também em acróstico, a partir de uma	Entender “a partir dessa perspectiva da espiritualidade, do respeito, da hospitalidade. O que é que essas imagens passam pra cada um.”
Helena	Feminino					

					determinada palavras, pensar em outras.”	
NE: Olhos D’água						
MNE: Valerie Thomas Luceta Pereira Maria de Tiê Carolina Maria de Jesus Djamila Ribeiro Virgínia Leone Bicudo Catherine Flon						
Diego	Masculino		Fundamental e Infantil	Infantil: desenho Fundamenta l: entrevista	Fundamental: “apresentar a vida dessas mulheres, mas, a partir dessa apresentação que eles fossem pra casa, e entrevistassem os seus familiares.” “E, no fundamental, a partir do resultado da entrevista, eles poderiam construir uma poesia com base na história dessas mulheres que foram entrevistadas.” Infantil: “desenhar suas mães, suas tias, suas avós” “fazer um desenho delas e pedir pras crianças colorirem com lápis pardo, lápis preto. Lápis de giz de cera com tons de pele negra, tons de peles negras.”	“trabalhar essas autoras negras para que essas crianças tenham referências” “A gente pensou nesse resgate dessas crianças com essas mulheres deles, por conta dessa proximidade.”
Tiago	Masculino					

Tabela 7: Avaliação Oficina Conexões Afro Mulheris

Oficina rica, significativa e transformadora. É fundamental ser um professor anti-racista.
Momento rico de conexão com o que vem do que enxergamos como ancestralidade e o que nos perpassa e não nos damos conta e nomear. Vivência de aprendizado.
As vivências são fundamentais para ampliar o saber docente e a multiplicação de conhecimentos que possam fortalecer a luta anti-racista.

Me senti mais próximo da minha ancestralidade. Foi um sopro de alegria no coração.
Achei a oficina incrível e muito inspiradora. Reconhecer histórias de mulheres negras fez com que eu me sentisse acolhida.
Adorei participar, consegui pensar e refletir sobre ações pedagógicas que realmente podem impactar nas vidas dos meus alunos!
Foi excelente o encontro de hoje! Pensei, elaborei, conversei coletivamente e ampliei as minhas percepções sobre mulheres negras e possibilidades didáticas.

Fonte: da autora

4.4.4 Análise dos dados obtidos

Esta parte do trabalho preocupa-se com a descrição e análise dos dados obtidos durante as oficinas pretagógicas. Os resultados obtidos a partir dos relatos dos participantes foram divididos em categorias. O primeiro momento, quando os integrantes falaram das mulheres negras que fazem ou fizeram parte de suas vidas, analisei a memória que o participante consegue associar à mulher escolhida e o sentimento que isso despertou. No segundo momento, destaquei as características das atividades propostas. E, por fim, nas avaliações anônimas, foi possível entender os efeitos das oficinas nesses integrantes.

4.4.4.1 Atividade Proposta

Durante a apresentação da atividade da Estação de aprendizagem um, intitulada “Eu, elas e nós”, foi possível perceber uma preocupação com a identidade e as características físicas das mulheres estudadas, a fim de romper com os estereótipos tão conhecidos. O grupo propôs uma sequência didática que poderia ser aplicada por seis meses, trabalhando, assim, as sete mulheres durante todo o semestre. Uma dos integrantes da estação um, possui bastante referências afroreferenciadas e isso trouxe um maior engajamento para as propostas.

A estação dois, “Conhecer-se”, também apresentava, entre seus integrantes, uma mulher negra engajada na luta antirracista. A atividade preocupava-se com a construção e fortalecimento da identidade das crianças.

A terceira estação era composta por duas mulheres brancas e foi possível perceber a diferença de significado da atividade. Propondo uma construção poética, a partir da leitura das imagens, ficou clara a construção mais conteudista e menos simbólica, como foi vista nas atividades anteriores.

A última estação, “Olhos d’água”, preocupou-se com a valorização das raízes dos seus estudantes ao propor uma atividade de entrevista e ilustração com as famílias. Além

disso, eles trouxeram a proposta de apresentar, caracterizar e tornar familiar as mulheres negras apresentadas na estação.

4.4.4.2 Avaliação das Oficinas

Após cada oficina, os envolvidos foram convidados a realizar uma avaliação anônima. As avaliações mostraram, além do envolvimento dos participantes, os conhecimentos prévios que apresentavam.

Um integrante expôs:

“Gostei muito da oficina. Explorar a corporeidade, a música e as artes manuais é superar uma lógica tradicional e hierárquica dos saberes, onde devem ser separados e trabalhados um de cada vez. E o trabalho com a temática da negritude, da voz das mulheres negras nos ajuda a ampliar as nossas perspectivas e a se reinventar cotidianamente.”

Esse depoimento demonstra que o participante conseguiu fazer uma comparação entre a educação do ocidente e o afrorreferenciamento, sendo capaz de perceber as diferenças e seus significados para as pessoas negras.

Foi possível perceber, também, uma surpresa e entusiasmo em relação a utilização da música como instrumento de formação. Um membro destaca: “Foi uma experiência muito boa enquanto mulher negra poder vivenciar a oficina. O aprendizado sobre a boneca e aprender sempre mais sobre a nossa cultura através de músicas e danças é gratificante.”

Em um outro momento, uma participante destaca o sentimento que as oficinas despertaram para ela enquanto mulher negra: “Achei a oficina incrível e muito inspiradora. Reconhecer histórias de mulheres negras fez com que eu me sentisse acolhida.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber neste trabalho, como o sentimento de pertencimento é motor da construção da identidade afrodescendente. A apropriação da ancestralidade, a partir do resgate da memória, propicia o engajamento na construção da prática antirracista. Assim, resgatar a memória ancestral é o primeiro passo para autorreconhecer-se e autoafirmar-se.

Além disso, partindo do conhecimento prévio da situação de apagamento das mulheres negras da história, reconstruir narrativas, a partir de uma nova perspectiva é de suma importância para recontar as histórias das nossas referências afro.

Foi possível perceber, também, que a Pretagogia se apresenta como uma importante ferramenta de transmissão de afrossaberes e resgate da memória, a partir da valorização da tradição oral. O corpo é capaz de construir e transmitir conhecimento e, na cultura africana e afrodescendente, ele é veículo de saber. Portanto, para despertar saberes enraizados em nossas memórias e implementar a Lei 10.639/03, é preciso apropriar-se de uso do corpo, fala, gestualização.

Por fim, fica claro a necessidade de repensar a formação docente, rompendo com o eurocentrismo. Rever a educação a partir de uma nova ótica para a valorização das tradições africanas é imprescindível para a prática antirracista de fato.

REFERÊNCIAS

- BRASÍLIA (DF). **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: PR, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 14 jul. 2023.
- CARNEIRO, S. Identidade Feminina. Cadernos Geledés. **São Paulo**, n. 4, p. 9-18.
- EVARISTO, C. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 62-68.
- GONZALEZ, L. The black woman’s place in the Brazilian society. In: **National Conference organized by the African-American Political Caucus and Morgan State University, Baltimore, Maryland**. 1984.
- NHA FALA: A minha Voz. Direção: Flora Gomes. [Portugal]: Fado Filmes, 2002. 1 vídeo 210 min.
- PETIT, S. H. **Pretagogia**: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral. Fortaleza: EdUECE, 2015. 261 p.
- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA. Brasília, DF. n. 16. jan-abr. 2015, pp. 193-210.
- RIBEIRO, D. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Revista internacional de direitos humanos**, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.
- SANTOS, L. D. **Intelectuais negras insurgentes** [manuscrito]: o protagonismo de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Nilma Lino Gomes, 2018. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.
- ZUBARAN, M. A. ; SILVA, P. B. G. Interloquções sobre estudos afro-brasileiros: pertencimento étnico-racial, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 130-140, 2012.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa formação intitulada **POTENCIALIZANDO AS CONTRIBUIÇÕES DE MULHERES NEGRAS INTELLECTUAIS E NÃO INTELLECTUAIS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA ANTIRRACISTA DE PROFESSORAS E PROFESSORES: UM ENSAIO PRETAGÓGICO NA FACED – UFC** que tem como objetivo geral **Descobrir, através da abordagem da pretagogia, como o conhecimento sobre as mulheres negras, intelectuais e não intelectuais, pode contribuir para a prática pedagógica antirracista de professoras e professores.**

Para isso, utilizaremos como procedimento de pesquisa a realização de duas oficinas pretagógicas e uma entrevista semiestruturada. O horário das oficinas e da entrevista será acordado com a(o) participante.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Caso decida retirar-se do estudo, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição de que forneceu os seus dados. O risco mínimo proveniente da sua participação refere-se apenas à uma interferência na sua rotina; sendo de 30 a 40 minutos para a realização da entrevista, que terá seu horário previamente acordado. Será estabelecido acordo também sobre a data, horário e duração das oficinas pretagógicas .

Os dados coletados serão utilizados somente para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos nacionais e internacionais, revistas especializadas e/ou encontros científicos e congressos. Os dados serão relatados de forma a não permitir a identificação individual dos participantes. As informações pessoais dos indivíduos serão acessadas exclusivamente pela pesquisadora deste estudo. Informamos também que não haverá divulgação personalizada das informações e não haverá qualquer espécie de reembolso ou gratificação pela participação neste estudo.

Você tem o direito de solicitar informações adicionais sobre o estudo a qualquer momento. Se necessário, você poderá entrar em contato com a responsável pela pesquisa, o graduanda da Universidade Federal do Ceará, **Francisca Iandra Nascimento** pelo telefone (85) **99933-8898** ou e-mail: **iandranascimento19@gmail.com** e com a orientadora, a Professora e Doutora Sandra Haydée Petit, pelo telefone (85) 98876-3619 ou e-mail: **novanegapetit@gmail.com**

Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para a/o colaborador/a participante da pesquisa e outra para o arquivo da pesquisadora.

Eu, _____,
fui esclarecida (o) a respeito da pesquisa e aceito participar da mesma.

Fortaleza, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

ANEXO A – LEI Nº10.639, 09.01.2003 (D.O. 10.01.03)**LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.**Mensagem de veto

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1ª A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1ª O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2ª Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3ª (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2ª Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182ª da Independência e 115ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque